Apontamentos para a exploração das possibilidades do texto na internet: o caso dos weblogs pessoais e jornalísticos[1]

Daniela Osvald Ramos[2]
Universidade Anhembi Morumbi (docente)
Faculdade Cásper Líbero (docente)

Resumo: Este artigo pretende ser o início de uma exploração da natureza do texto na internet, em especial, nos weblogs. Partindo de uma breve análise da linguagem, procuramos estabelecer parâmetros para entender como este novo formato, fragmentado, personalista e interativo, pode vir a modificar o texto no campo do Jornalismo, através da análise de estratégias de comunicação aplicadas por autores de weblogs pessoais e jornalísticos.

Palavras-chave: weblog, comunicação, jornalismo, indivíduo, linguagem.

À guisa de introdução: texto, internet e weblogs

O texto nos weblogs (para definição da ferramenta, ver "Metodologia") está em processo contínuo – já que pode ser atualizado diversas vezes por dia - e tem a prerrogativa de ser "interativo". Isto quer dizer que o ciberleitor pode contribuir com o autor, deixando seus comentários e propondo novas discussões. Para entender até que ponto determinado fragmento do blog se desdobrou em outros textos, é sempre necessário ler os comentários dos leitores.

Ou seja, a partir da ferramenta de comentário o leitor pode deixar sua marca ("eu estive aqui, estou lendo e posso dar a conhecer minha opinião"), contribuindo para uma escrita coletiva – desdobramento técnico de uma idéia que Barthes defende em "O prazer do texto", usando uma analogia adotada atualmente também para a rede, "a teia":

---

[1] Trabalho apresentado à Sessão de Temas Livres.

[2] O presente artigo fez parte de uma pesquisa mais ampla, com bolsa de professor pesquisador da Universidade Anhembi Morumbi. Professora de Webjornalismo da mesma Universidade e de Novas Tecnologias da Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Mestre em Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Trabalhou em vários portais de informação, especialmente na Editora Abril. Endereço eletrônico: dramos@uol.com.br

> " *'Texto'* quer dizer *Tecido*; mas, enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a idéia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido – nesta textura – o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolve ela mesma nas secreções construtivas de sua teia. Se gostássemos dos neologismos, poderíamos definir a teoria do texto como uma hifologia (*hyphos* é o tecido e a teia da aranha)" (BARTHES, 2002, pág. 74).

Leitor e autor em contínua conexão e a escrita que não tem fim. É o constante fazer do texto diário, diluído em fragmentos e a contribuição efetiva do leitor para a construção coletiva do mesmo, o que muda a relação do leitor digital com a milenar escritura. Como aponta Barthes, o leitor de um livro contribui para a construção de sentido da obra, sem o que a leitura não seria possível. A internet possibilita efetivar esta construção como interferência concreta, pois o leitor deixa também seu texto marcado no texto do autor original, e mais: os outros leitores também podem acessar o resultado final, "ampliado".

Temos também a confirmação de que a leitura incentiva a produção de outros textos, como sugere, também, Barthes: "Uma pura leitura que não chame a uma outra escritura é para mim algo incompreensível. Leitura como produção. O produto consumido é devolvido em promessa, em desejo de produção, e a cadeia dos desejos começa a desenvolver-se, cada escritura valendo pelo que ela gera, até o infinito" (BARTHES Apud LIMA, 1993, pág. 213). Esta dinâmica é visível nos weblogs e é suscitada por inúmeros fatores: leitura de produtos da mídia, televisão, cinema, literatura.

Outra questão importante para a compreensão da natureza do texto na internet e dos weblogs é o "fragmento". Cada texto (ou "post") em um blog é um fragmento, pois na maioria das vezes o autor se utiliza deste recurso para falar de assuntos diferentes. Existem autores que escrevem uma vez em um período, e assim o dia representa um fragmento do texto maior daquele blog; outros escrevem mais de uma vez por dia e podemos juntar os textos diários como também um grupo de fragmentos. Se pudéssemos juntar todos os dias de escrita em um blog, teríamos uma imensa (dependendo do tempo de vida do blog) continuidade de fluxo de textos. Se faria ou não sentido, dependeria do

autor e renderia um ótimo estudo de crítica genética: estariam ali reunidos processos de escrita em estado puro.

O leitor quer ser íntimo?

Fomos em direção à origem dos estudos sobre linguagem, especificamente no campo que requer mais experimentação: a poesia. Encontramos uma poeta que também atuou como jornalista nos "anos de chumbo", na década de 70, em jornais alternativos como "Movimento", "O Beijo", e outros. Trata-se de Ana Cristina César, nascida no Rio de Janeiro em 1952 e que viveu até 1983. O livro *A teus pés* – poesia reunida, lançado em 1982 originalmente pela Brasiliense e agora pela Editora Ática, continua sendo reeditado até hoje com sucesso. Trata-se de uma autora lida e que, cada vez mais, é alvo de estudos acadêmicos.

A poeta pode ser situada na "geração marginal", aqueles que foram acusados de praticar a "anti-literatura": banalização da linguagem poética, temas do cotidiano tratados como objetos líricos e a sensação do "sufoco" – afinal, eram anos de censura. Heloísa Buarque de Hollanda[3] analisa e cita muitas vezes Cacaso (Carlos Alberto Brito), Chacal, Francisco Alvim, Charles e Wally Salomão como representantes modelos (cada um situado em uma fase) desta poesia que incorporou algumas características dos meios de comunicação – o poema-piada, poema-minuto (já praticados no Modernismo, mas com outro enfoque), a rapidez da percepção, a efemeridade dos temas.

Ana Cristina, porém, diferencia-se dos seus pares de geração. Seus poemas eram elaborados de forma erudita; ela resistiu ao instantâneo, embora na sua obra os meios de comunicação apareçam de forma recorrente. Mas o aspecto que queremos ressaltar aqui é a aparente pessoalidade com a qual Ana trata o leitor e as questões entre linguagem e vida íntima. Um dos temas que Ana prezava era justamente a ambigüidade (e os limites) entre linguagem e uma pretensa exposição da intimidade aos leitores. Para isso, utilizou-se de simulacros de "Diários", com referências à própria vida, e a prática da correspondência.

---

[3] Citamos especificamente o livro Impressões de Viagem (CPC, vanguarda e desbunde: 1960/1970). Rocco, Rio de Janeiro, 1980.

Publicou, em edição própria, "Correspondência Completa", livro que era apenas uma carta endereçada a um destinatário anônimo: "My Dear". Ana é chamada por alguns de "confessional" (outro aspecto que faz parte de sua obra, sem dúvida), justamente por sua lírica entremear nomes e fatos verdadeiros com poesia:

> **Guia semanal de idéias** [4]
>
> Segunda
> Não achei a Távora mas vi o King-Kong na pracinha. Análise.
> Leu-se e comentou-se que o regime não vai cair. Clímax
> alencariano das Duas Vidas.
>
> Terça
> Parque Lage com Patinho. Yoga. Sopa chez avó. Di do Glauber.
> Traduzi 5p de masturbação até encher o saco.
>
> (...)
> 27 de junho
> Célia sonhou que eu a espancava até quebrar seus dentes.
> Passei a tarde toda obnublada. Datilografei até sentir câimbras.
> Seriam culpas suaves. Binder diz que o diário é um artifício,
> que não sou sincera porque desejo secretamente que o leiam.
> Tomo banho de lua.
> (...)
>
> **Correspondência Completa**[5]
>
> (...) Depois que desliguei o telefone me arrependi de ter
> ligado, porque a emoção esfriou com a voz real. Ao pedir a
> ligação, meu coração queimava. E quando a gente falou era
> tão assim, você vendo tv e eu perto das bananas, tão sem
> estilo (como nas cartas). Você não acha que a distância e a
> correspondência alimentam uma aura (um reflexo verde na
> lagoa no meio do bosque)?

Poderíamos encontrar – sem o requinte da linguagem e coloquialidade bem trabalhada, é claro, um desses textos em qualquer blog que se denominasse "pessoal". Como é sabido de todos (principalmente nas referências do livro "Correspondência Incompleta", registro das cartas de Ana Cristina Cesar), ela fazia análise quando escreveu estes textos (referência no primeiro poema), o "regime" era a ditadura, "Patinho" era um amigo, e "Traduzir 5p de masturbação" é uma referência ao Relatório Hite, livro que a poeta traduziu enquanto escreveu o poema e que marcou época quando o assunto era liberação

[4] **CESAR**, Ana Cristina. Cenas de Abril, in A teus pés. páginas 108 e 109, respectivamente.

[5] In A teus pés. Página 117.

sexual feminina. Trata-se, portanto, de uma provocação: até que ponto você, leitor, acha que estou falando a verdade? Até que ponto este é só um poema (linguagem)? Logo depois, a própria autora põe em questão a "intimidade" do "diário": "Binder diz que o diário é um artifício,/ que não sou sincera porque desejo secretamente que o leiam". Mas como, se o estamos lendo? Que desejo secreto tão público é esse?

No trecho de "Correspondência Completa", a poeta novamente chama atenção para a distância/escrita e inclui aí os meios de comunicação. A escrita alimentaria uma aura em relação a um sentimento maior de proximidade – "um reflexo verde na/lagoa no meio do bosque", por exemplo, seria uma referência ao poeta alemão Rilke, em "Elegias", como observou Viviana Bosi.[6] Portanto, uma recordação de uma aparente conciliação entre homem e natureza. Algo diferente da distância do telefone, da TV, e dos meios de comunicação em geral.

Charles Baudelaire, que também foi lido por Ana Cristina Cesar, pode ser considerado o poeta que inaugurou a modernidade e que foi pioneiro em nomear o leitor. No prefácio-poema *Au Lecteur*, às "Flores do Mal", Baudelaire dirige-se diretamente ao outro lado da página (versos citados por T.S Eliot em *The Waste Land* e por Ana Cristina Cesar em várias passagens): " - Leitor hipócrita, - meu semelhante, - meu irmão!".[7] Em Ana Cristina: (...) Cartões-postais escolhidos dedo a dedo./No verso: atenção, estás falando para mim, sou eu que estou aqui, deste lado, como um marinheiro na ponta escura do cais./É para você que escrevo, hipócrita". Temos, aí, a era do texto que se dirige ao Outro, o leitor nomeado. Algo que parece tão comum e usual no ano 2000: o leitor pode ser singular e anônimo, "ele não é todos como também não é uma única pessoa". [8]

Definição que, tomando os devidos cuidados, lembra-nos o estado da internet como mídia bidirecional. Por um lado, há a possibilidade de não nos identificarmos quando navegamos na rede e quando queremos interferir em um texto publicado em um weblog,

---

[6] **BOSI**, Viviana. Anotações em aula, Teoria Literária I, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 04/05/2004.
[7] **BAUDELAIRE**, Charles. Flores do Mal. Página 101. No original: *Hypocrite lecteur, - mon semblable, - mon frére!*
[8] **SILVIANO**, Santiago. Nas malhas da Letra. Página 61.

por exemplo (através dos comentários). Por outro, podemos nos tornar conhecidos, o leitor se identifica, interfere no texto e deixa sua marca. Esta dualidade precisa ser levada em conta nas pesquisas no campo da comunicação e do Jornalismo que tem a internet como objeto. A rede não é um meio de comunicação de massa tradicional e expõem a ambigüidade que o texto pode assumir quando publicado, como nos mostra Ana Cristina. Portanto, as questões que envolvem o paradigma Emissor-Mensagem-Receptor mudam totalmente quando temos como cenário a internet. Se for possível, o leitor quer se sentir íntimo – quer fazer parte da informação e da vida do autor dos textos, como nos mostram o sucesso crescente dos weblogs e dos estudos sobre o meio.

Parece-nos que os fios condutores do sucesso dos weblogs está neste passado poético que nos fala como nós, leitores, somos tocados pela linguagem quando somos incluídos e nomeados, mesmo que virtualmente, no texto. Quando temos quase a certeza de que, anonimamente e singularmente, o autor está falando para nós em particular. Identificamos, portanto, no texto poético – e no Modernismo, com Charles Baudelaire – as origens de uma das diferenças da escrita digital para o suporte em papel: o leitor pode ser potencialmente identificado, nomeado, e interferir realmente no texto. E ele faz isso - o leitor quer ser íntimo e se sentir próximo. Algo que a internet e os weblogs sem dúvida propiciam.

Metodologia

A definição usada para o "weblog" foi baseada na funcionalidade da ferramenta e não no conteúdo dos textos. Assim, uma pessoa que faça um relato íntimo da sua vida através de um site com várias páginas e seções não estará fazendo um blog, mas um site. Um weblog pode ser definido como "um website cujas informações são atualizadas freqüentemente e apresentadas em ordem cronológica reversa (novo conteúdo em primeiro lugar)".[9] Existem também detalhes técnicos para a definição de um weblog, que foram usadas nesta pesquisa, tais como:

---

[9] COLUMBIA JOURNALISM REVIEW. WELCH, Matt. Blogworld and its gravity. The new amateur journalists weigh in. Setembro/Outubro 2003. Página 23. Tradução livre da pesquisadora.

• É um site de uma página só, no qual os textos são divididos pela data de entrada - se escrevo um texto e publico, ele fica identificado com a data e o horário. A forma de atualização de um weblog é através de um sistema de publicação disponível apenas para este fim, como o Blogger (http://www.blogger.com.br).

• Os textos podem ser agrupados somente cronologicamente: os arquivos são gerados automaticamente no intervalo de meses ou semanas, de acordo com a preferência do usuário.

• Cada texto pode ser comentado pelo ciberleitor logo após sua publicação.

• O weblog pode ser coletivo ou individual.

• O blog tem várias funções opcionais. É possível inserir um contador de audiência, por exemplo, que passará a gerar relatórios, quantificando o número de acessos, a origem de qual país vem o usuário, qual navegador é usado, através de qual provedor ele acessa a rede e outras funções úteis para quem gosta (ou precisa) monitorar o público. É possível, através desta ferramenta, saber também como o ciberleitor chegou no blog em questão; se ele procurou em sistemas de buscas e quais palavras usou e, ainda, através de qual link. Assim, pode-se saber se o leitor visitou o blog por um link de outro blog, ou se acessou por meio de uma busca no Google.[10] O usuário também pode inserir links para os sites que achar pertinentes e inserir imagens.

• O "design" do site é escolhido através de "templates"- páginas prontas, "pré-fabricadas", que podem ser adaptadas pelo usuário. Mas, em geral, o design de um blog é simples, pois ele é composto de somente uma página e arquivos.

Critérios analisados

Título
Extensão do texto
Ilustrações ou recursos fotográficos
Links de referência
Conteúdo e quantidade de comentários deixados pelos ciberleitores

[10] http://www.google.com.br

Blogs analisados

Os dados da pesquisa foram colhidos em setembro e outubro de 2003, nos seguintes weblogs críticos e jornalísticos (os dados de blog pessoais foram retirados, já que não são contemplados no presente artigo):

Profissionais

Pedro Doria – No Mínimo
http://nominimo.ibest.com.br/servlets/newstorm.notitia.apresentacao.ServletDeSecao?codigoDaSecao=33&dataDoJornal=atual

João Ximenes Braga – O Globo
http://oglobo.globo.com/online/blogs/ximenes/

Helena Chagas – O Globo
http://oglobo.globo.com/online/blogs/helena/

Tereza Cruvinel – O Globo
http://oglobo.globo.com/online/blogs/tereza/

Cora Ronai
http://www.cora.blogspot.com/

De que jeito?
http://www.dequejeito.com.br/

Afrodite sem Olimpo
http://www.letti.com.br/afrodite/

Conclusões parciais sobre tendências de comunicação nos blogs pessoais

- Verificamos que nos blogs pessoais há uma tendência para o que podemos chamar de "texto adjacente", construído a partir dos comentários dos leitores sobre os posts publicados. Tal fenômeno também apareceu nos blogs jornalísticos – no primeiro ponto analisado, ambos usam a mesma estratégia.

- Os blogs pessoais tendem a usar recursos jornalísticos: apuração, edição, uso de títulos - e a utilizar os "ganchos", um recurso da narração ficcional – usado no folhetim e nas telenovelas, para prender o leitor até o próximo capítulo, para que os leitores reajam ao texto.

- São “espaços de convivência”: o leitor gosta de identificar uma rotina que também pode ser a sua; ele “vai até lá” para fazer parte, um pouco, da vida do outro, através do texto.

- Não há intercâmbio de informações com outros países, mas outros blogs, geralmente pessoais, são citados.

- A audiência é gerada através da formação de redes de audiência, que consiste em visitar outros blogs, deixar comentários e então esperar a visita (e o link) de retribuição. No caso do “Afrodite sem Olimpo” isto ficou claro. Cora Ronai também cita outros blogs, o que pode gerar também a reação da retribuição. Já Moskito tem audiência adolescente cativa e credita seu sucesso a ter trabalhado em uma emissora de televisão local (no Rio Grande do Sul). Outra estratégia de audiência é, portanto, a popularidade também fora da rede. Cora Ronai, não podemos esquecer, é jornalista conhecida da área de Informática, colunista do jornal O GLOBO. Claudia Letti é a única que não possui (ou possuiu) um vínculo formal com outra mídia, além da internet.

Conclusões parciais sobre tendências de comunicação nos blogs jornalísticos

Os weblogs profissionais, de uso estritamente jornalístico, tendem a usar linguagem pessoal e mais próxima do leitor, assim como os blogs pessoais, ultrapassando os limites do colunismo. João Ximenes Braga, do O GLOBO, precisou entrar em discussão com os leitores para justificar sua legitimidade como colunista (apesar de já o ser). A natureza da escrita interativa nos blogs faz com que seja impossível o papel do jornalista que tem a “palavra final”. O blog se configura como um espaço de intervenção na opinião dos colunistas, eles são “forçados” a reverem posições, sob pena de xingamentos.

Já Pedro Doria tem um perfil crítico e observador da imprensa, principalmente a norte-americana. Seus textos são construídos com links que remetem às fontes de seus comentários sobre determinado assunto. Em 22 textos, todos têm título: sem dúvida uma evidência que Pedro recorre às normas cultas da escrita jornalística na sua transposição

para a web. Possui um público cativo que, embora evite excessos de comentários, acompanha assiduamente os textos, em geral, não muito longos nem muito curtos. Ainda podemos apontar:

- A ausência de editores nos blogs jornalísticos parece ser assunto fora da pauta da agenda dos autores do blog e da discussão brasileira, ao contrário do que acontece na mídia americana.

- Assim sendo, a credibilidade nos blogs de Jornalismo migra do meio impresso para o virtual: é o caso dos colunistas do O GLOBO, que já são legitimados publicamente com suas colunas no jornal impresso e que já têm um público cativo off-line. Não há padrões e normas para a publicação de weblogs jornalísticos.

- O que um blog deveria cobrir jornalisticamente? Quem deveria escrevê-lo? O colunista do blog deveria indicar links que levem o internauta para fora do site da empresa? O que um blog cobre jornalisticamente depende do autor – é ele quem manda, não seu editor. Como vimos, qualquer um pode criar um blog e escrever notícias. Portanto, não necessariamente um jornalista manterá um blog jornalístico e, finalmente, não há problemas do jornalista indicar links para fora do site da empresa. Ao contrário, parece ser uma prática comum.

- Os jornalistas comentam episódios do cotidiano nos seus blogs, que, a exemplo dos pessoais, tornam-se espaços de convivência. O que se torna explícito quando os dois colunistas do O GLOBO se desculpam por ficar longe dos leitores e quando João Ximenes pede ajudar ao leitor porque perdeu o programa "Saia Justa" exatamente quando Marisa Orth falou de sua coluna no impresso.

- Helena Chagas insiste na pergunta: "o que (sic) vcs acham?". Os blogs jornalísticos são espaço de interação com o público, de forma mais efetiva do que as mídias tradicionais, que demoram a incorporar o diálogo do leitor nas notícias diárias. Os jornais online atualmente apenas reproduzem a edição impressa na internet e não trabalham a

linguagem de modo a adaptá-la ao meio. Assim, os blogs suprem, de certo modo, a carência do público por uma interatividade com os jornalistas.

- Assuntos que tendem para a área do Entretenimento são os mais comentados. Talvez por isso o blog de João Ximenes Braga seja, dentre os jornalísticos, o que estatisticamente tem mais comentários. No blog de Pedro Doria, o post que falava da Organização Não Governamental Mensagem Subliminar foi o mais movimentado durante o período analisado (14 comentários).

- Nos dois blogs sobre Política, os textos mais comentados foram os que envolveram o governo em exercício e o partido do PT. A saída de Fernando Gabeira do partido, no mês de outubro de 2003, também rendeu boa discussão entre os leitores (12). Os dois outros mais comentados foram um de Helena Chagas, que fazia um balanço das medidas do governo durante a semana (18 comentários) e, no blog de Tereza, um breve relato de uma viagem a Cuba e as dificuldades naquele país.

- Pedro Dória mostra que um dos deveres do jornalista que bloga é acompanhar e desdobrar a pauta e o destino da notícia que escolheu para postar. Rotina que raramente pode ser feita nos jornais. Pedro pode ser considerado o jornalista que usa o blog para colocar em pauta assuntos fora da mídia tradicional, como uma exposição de tapetes afegãos (18/09/2003) que retratam guerras (e o ataque às torres gêmeas, em 2001). No entanto, Dória também usa o recurso de monitorar a mídia, fazendo balanços do que acontece ao redor do mundo e que pode ser acessado por sites.

- A audiência vem, em um primeiro momento, de leitores que já liam os colunistas do O GLOBO no impresso. Pedro Dória já tinha sua audiência cativa na época do site "No Mínimo", que foi descontinuado por falta de verbas em 2001.

Conclusões

O Jornalismo é uma instituição que está em crise. O veículo que dá nome à profissão – o Jornal – está em franca decadência. A redução de anunciantes (9,5% de 2000 a 2003) e a diminuição da circulação em 8,4% desde 2000[11] são, claro, reflexo da instabilidade econômica brasileira, mas também denunciam uma constatação pior: a linguagem do jornalismo não agrada mais aos novos leitores. O público do jornal diário não está sendo renovado. Por um lado, a economia não tem como dar suporte a novos investimentos (grampear cadernos, investir em novas abordagens e segmentação). Mas, por outro, o empresariado brasileiro do ramo está perdendo a oportunidade de conquistar leitores que já crescem "blogando" – e se informando através da internet, muitas vezes querendo opiniões de pessoas que considera seus iguais simplesmente por também se comunicarem através da rede.

Como pudemos observar durante a pesquisa, as estratégias de comunicação nos blogs pessoais e jornalísticos são próximas. Semelhante às estratégias dos indivíduos que mantém weblogs sem nenhum vínculo pretenso com o Jornalismo profissional, os jornalistas do O GLOBO, João Ximenes Braga (colunista do caderno "Ela"), Helena Chagas (coluna com o mesmo nome) e Tereza Cruvinel (Panorama Político) tornaram-se e a cada dia tornam-se cúmplices dos leitores. Respondem comentários, dialogam e chamam o leitor pelo nome: em 18 de agosto de 2004, no blog de Tereza: "Só queria esclarecer, acho que foi o Emerson, que falou em reportagem que eu teria feito para a Câmara". Eles estão pertos do público leitor pela rede – e cultivam muitos comentários, sendo que o mais popular é João Ximenes.

Pedro Dória, ao contrário,faz um blog no qual o ponto de vista da informação é outro e original – e não está na mídia impressa. Tem poucos comentários, não se insere no que poderíamos chamar de "jornalismo endereçado". Já os colunistas do O GLOBO, sim, endereçam ao leitor nomeado seus blogs jornalísticos.

[11] Os dados são da reportagem "Não parem as rotativas!", por Carolina Cassiano, da revisa "Negócios da Comunicação".

A tendência da linguagem que assume o narrador da notícia é seguida pela mídia americana, mais especificamente no *Washington Post*. Vide o "Diário da Convenção Democrata nos Estados Unidos",[12] do editor associado Robert Kaiser e do fotógrafo "premiado pelo Pulitzer" Lucian Perkins: há, como apontamos na nossa pesquisa, uma direção para a qual o Jornalismo está sendo direcionado: a valorização da subjetividade (repórteres com ponto de vista pessoal, como este exemplo na mídia americana), uma decorrência da popularidade dos blogs – e da qual jornalistas associados à mídia tradicional parecem não fugir – e da interação com o leitor. Ele quer ser "ouvido", quer saber o que o outro pensa sobre o que ele pensa. Quer ter esclarecidas questões próprias. Neste mesmo "diário" há espaço para que o público mande sua pergunta. Os jornalistas responderão o mais rápido possível. É a demanda pela informação personalizada, mas que ao mesmo tempo também se endereça a todos – "anônimo e singular".

As imagens nos blogs não se mostraram fundamentais para o sucesso de público: este é baseado, mesmo, no texto. A disposição na página, no entanto, mereceu atenção de alguns "blogueiros", como Moskito (De que jeito?) e Claudia Letti (Afrodite sem Olimpo) que, a exemplo dos poetas concretistas, aliaram conteúdo e forma. Cora Ronai muitas vezes posta imagens como teste de novas máquinas digitais; Pedro Dória, na categoria "profissionais", usa a imagem de maneira informativa.

Pedro Dória, aliás, não está associado a nenhuma empresa. Seu weblog está alocado no site "No mínimo", um dos únicos exemplos de Jornalismo Digital que surgiu na internet e sobrevive ainda hoje aproveitando o que a web oferece de melhor: independência na reportagem. Dória é exemplo de que há, sim, produção de Jornalismo nos weblogs: ele se pauta, apura e redige.

Tudo parece apontar para a inevitável transformação da linguagem jornalística no meio digital, como uma especificidade do Jornalismo Online. Já que a internet pode se dirigir a todos, mas também ao indivíduo, há uma clara reação do leitor, que quer ser conhecido e

---

[12] http://www.washingtonpost.com/wp-srv/politics/interactives/diary/conventionDiary.html. Acesso em 18/08/2004.

reconhecido (ao contrário do que acontece nos meios tradicionais de comunicação, tidos como "de massa"). É uma questão de tempo para esta tendência estar mais presente no campo impresso ou eletrônico, na nossa opinião. A publicação de blogs em livros – como o de Salam Pax,[13] antecipa tentativas de transposição da linguagem online para a impressa. O que repercutirá, sem dúvida, no Jornalismo praticado profissional pelas empresas de comunicação.

Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. O prazer do texto. Editora Perspectiva, São Paulo, 2002.

_____. Aula. Editora Cultrix, São Paulo, 1996.

_____. Roland Barthes por Roland Barthes. Estação Liberdade, São Paulo, 2003.

BAUDELAIRE, Charles. As flores do mal. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2002.

BLOOD, Rebecca. We've Got Blog: How Weblogs Are Changing Our Culture. Perseus Publishing, New York, 2002.

BOSI, Viviana. Anotações em aula, Teoria Literária I. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 04/05/2004.

CASSIANO, Carolina. Não parem as rotativas! Revista Negócios da Comunicação, Nº34. Editora Segmento, São Paulo, 2004.

CÉSAR, Ana Cristina. A teus pés. Editora Ática, 1999.

COLUMBIA JOURNALISM REVIEW. WELCH, Matt. Blogworld and its gravity. The new amateur journalists weigh in. Setembro/Outubro 2003.

FILHO, A.F e **HOLLANDA**, H. B (orgs). Ana Cristina César. Correspondência Incompleta. Instituto Moreira Salles e Aeroplano Editora, Rio de Janeiro, 1999.

FREUD, Sigmund. O Mal-Estar na Civilização. Imago, Rio de Janeiro,1997.

GLASER, Mark. "Weblogs are pushing the Newsroom Envelope nos writers´ Spontaneity". Online Journalism Review, http://ojr.org/ojr/glaser/ Acesso em 22/02/2004.

_____. 'Watchblogs' Bring Political Press Coverage to Micro Level. Online Journalism Review, http://ojr.org/ojr/glaser/ Acesso em 22/02/2004.

[13] Pax, Salam. O blog de Bagdá. Companhia das Letras, São Paulo, 2004.

____. "Google + Blogger = Mainstream Weblog Acceptance?" Online Journalism Review, http://ojr.org/ojr/glaser/ Acesso em 18/02/2003.

_____. "Weblog Indexes Help Journalists Track Stories – and Boost their Egos. Online Journalism Review, http://ojr.org/ojr/glaser/ Acesso em 25/08/2003.

_____. Scholars discover weblogs pass test as mode of communication. http://www.editorsweblog.org. Acesso em 05/11/2004.

KOVACH**, Bill** & ROSENSTIEL**, Tom. Os Elementos do Jornalismo. O que os jornalistas devem saber e o público exigir. Geração Editorial, São Paulo, 2003**

LIMA, Regina Helena Souza da Cunha. O desejo na poesia de Ana Cristina César – Escritura de T (e)s. Annablume, São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. Diário Íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade. Dissertação de mestrado, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2001.

_____. De onda em onda: a evolução dos ciberdiários e a simplificação das interfaces. Biblioteca on-line de ciências da comunicação. http://www.boccubi.pt Acesso em 24/10/2003.

SANTIAGO, Silviano. Nas malhas da letra, Rocco, Rio de Janeiro, 2002.

SALLES, Cecilia Almeida. Crítica Genética. Educ, São Paulo, 2000.